



E agora, PT?

► **A situação exige uma oposição impecável e incisiva, mas ao mesmo tempo sóbria, calcada em ideias**

Lula encontrou na sexta-feira 8, após 580 dias de cárcere, um país muito diferente, em flerte desabrido com a catástrofe política e econômica, com o autoritarismo e com a pobreza extrema. Esse insólito futuro que se avizinha impõe ao ex-presidente e ao PT novos desafios e enormes responsabilidades. Ainda não está claro, porém, se ele e o partido se deram conta.

Isso me preocupa, por reconhecer o óbvio: o PT governou o Brasil de 2003 a 2014 e tem mais de 2 milhões de filiados. É a maior e mais influente entidade política de esquerda e de centro-esquerda da América Latina. Nem sequer seus inimigos mais ferozes podem contestar a sua importância para o equilíbrio de forças garantidor da estabilidade democrática no Brasil.

Lula terá de reorganizar uma oposição capaz de denunciar a inépcia do governo incumbente sem pavimentar caminhos para um golpe violento e autoritário. Terá, ao mesmo tempo, que modernizar o PT e restabelecer a sua reputação, ainda gravemente danificada.

A percepção de que a Operação Lava Jato foi politizada e causou danos devastadores à economia, de que elegeu um governo errático, incapaz e embaçoso, representa apenas uma brecha temporária nos obstáculos monolíticos que se opõem ao campo progressista e

ao ideário democrático no Brasil e em toda a América Latina.

A combinação de milícia e de forças armadas regulares, inspiradas por um delírio de poder, é, como se viu na Bolívia, a nova receita de golpes autoritários. E, aqui, temos todos os ingredientes sobre a mesa.

A cogitada associação entre a ultradireita e a milícia – com algum apoio, ainda que inadvertido, das camadas mais conservadoras da população – será capaz de conter levantes, sob brutalização das comunidades pobres. Enquanto isso, militares da linha dura poderão abandonar as ameaças subliminares à democracia, que se tornaram corriqueiras, e desdobrar para o empastelamento das instituições centrais do Estado, incapazes, como se advertiu, de resistir a um cabo e a dois soldados.

A confrontação política não deve arriscar a construção maliciosa de narrativas de justificação à barbárie. Narrativas que transmutem violência e autoritarismo em tutela, que travistam boçalidade em arremedo de Direito.

A situação impõe, por isso, uma oposição impecável. Uma oposição incisiva, mas ao mesmo tempo sóbria, por meio de ideias. Uma oposição que se estabeleça sobre um projeto de país com começo, meio e fim, que seja capaz de engendrar soluções para retomar o crescimento econômico, mas, sobretudo, para aplacar a pobreza, o analfabetismo funcional, o escasseamento de vocações produtivas, as ineficiências administrativas e a injustiça fiscal. Uma oposição que proponha uma corajosa reforma política. Ou seja, uma oposição que antagonize por meio de propostas, que supere a contraposição destrutiva, que invista no pensamento e

no engenho. Uma oposição que supere, fora do governo, muitas das limitações que ostentou quando esteve no poder.

Essa ressignificação da oposição política pressupõe uma ainda maior qualificação dos quadros do PT, com vistas a um projeto que desborde o horizonte limitado das próximas eleições.

A sobrevivência do PT e, com ele, do projeto progressista no Brasil depende de um corajoso planejamento sucessório. Lula precisa escolher sucessores que não estejam enclacados com problemas legais, envolvidos com a Lava Jato, sujeitos, portanto, à inelegibilidade. Não pode confiar que a “sorte” dos últimos dias é para sempre, que a reviravolta no tratamento da presunção de inocência se repetirá em relação à suspeição de Sérgio Moro. Lula deverá, se quiser perpetuar o PT, abandonar a velha estratégia de capacitação de candidatos, sobretudo para os cargos mais importantes, baseada predominantemente na unção dos escolhidos, na transferência de seu prestígio político. Deve escolher competidores capazes, intelectual e politicamente, com forte aderência popular e coerência ideológica.

Mas isso só será possível se o PT se transformar num ambiente mais convidativo para as promissoras figuras políticas de outros partidos e se for capaz de preservar os seus mais vocacionados integrantes. É necessário, para tanto, virar a página, mas de verdade. É vital criar uma cultura partidária de inflexível integridade, capaz de impedir transgressões e de expurgar maus elementos, doa a quem doer.

Reformar é o único caminho para sobreviver. E a sobrevivência do PT, não tenho dúvidas, é condição da sobrevivência da democracia no Brasil. •

redacao@cartacapital.com.br